

CURSO DE
APOLOGÉTICA

1
Nível

A importância da Apologética



www.cacp.org.br

MÓDULO INTRODUTÓRIO

cacp
Ministério Apologético

Centro Apologético Cristão de Pesquisas

CURSO DE APOLOGÉTICA

Nível 1

A Importância da Apologética

Centro Apologético Cristão de Pesquisas

- Apologética Cristã - São José do Rio Preto - SP. Curso de Apologética do CACP ON-LINE.

- 1) - Apologética**
- 2) - Teologia;**
- 3) - Estudo de Religiões Comparadas**

I. Título

II. Série

Dedicatória:

Dedicamos o Curso de Apologética a todos aqueles que amam a verdade.

Ministério Apologetico

Copyright 2008 – Edições CACP

1º Edição: 2008

Publicado no Brasil com a devida autorização e com todos os direitos reservados pelo Centro Apologético Cristão de Pesquisas.

São José do Rio Preto – SP. Site: www.cacp.org.br

Telefone: (17) 3014-4875

Proibida a reprodução por quaisquer meios (mecânico, eletrônico, xerográficos, fotográficos, gravação, estocagem em bancos de dados, etc.) sem a autorização do CACP, a não ser em citações breves com indicação da fonte.

SUPERVISÃO EDITORIAL E TEOLÓGICA:

Paulo Cristiano da Silva

João Flávio Martinez

REVISÃO:

Dalton Gerth

CAPA

Euclides Cunha

Índice

INTRODUÇÃO.....	08
O QUE É APOLOGÉTICA	
- O que não é apologética.....	12
- Etimologia da palavra.....	12
HISTÓRIA DA APOLOGÉTICA CRISTÃ	
- A patrística.....	16
- A divisão:.....	16
*Pais apostólicos.....	17
* Apologistas.....	17
*Polemistas.....	18
- Os personagens da apologética.....	18
*Justino – O mártir.....	18
*Irineu.....	19
*Tertuliano.....	20
*Orígenes.....	21
*Cipriano.....	22
*Eusébio de Cesaréia.....	23
*Jerônimo.....	24
*Crisóstomo.....	24
*Agostinho.....	25
AS DISCORDÂNCIAS RELIGIOSAS	
- Quando é que devemos julgar?.....	28
- Julgamentos injustos.....	30
- Julgamentos presunçosos.....	32
- Quando é certo julgar.....	33
- Julgando pecadores impenitentes na Igreja	33
- Julgando falsos mestres.....	34
APOLOGÉTICA E CORAÇÕES SINCEROS	
- A exortação de Pedro.....	39
- O ponto comum de referência.....	41

COMO IDENTIFICAR UMA SEITA

- Autoridade extrabíblica.....	44
- Verdades que vão além da Palavra.....	45
- Interpretações particulares da Bíblia.....	45
- Rejeição ao cristianismo ortodoxo.....	46
- Pregam outro Jesus.....	47
- Lavagem cerebral.....	47
- Salvação pelas obras.....	47
- Exclusivismo.....	48
- Semântica enganosa.....	48
- Falsas profecias.....	49
- Mudanças de crenças.....	49

OS INIMIGOS DA APOLOGÉTICA

- Indiferença.....	53
- Irracionalismo.....	54
- Ignorância.....	55
- Covardia.....	56
- Arrogância e vaidade intelectual.....	58
- Técnicas apologéticas superficiais.....	59

BIBLIOGRAFIA.....62

A IMPORTÂNCIA DA APOLOGÉTICA

Introdução

Nos dias de hoje há uma necessidade urgente de líderes cristãos comprometidos ao discernimento da verdade, à defesa da fé, e à proteção do rebanho de Deus. Essa obra nem sempre é fácil, nem agradável, mas é sempre necessária. Os cristãos devem identificar e fazer oposição ao erro doutrinário e espiritual por uma razão principal: porque Deus nos comissiona para esta obra.

Já no primeiro século, na época do Novo Testamento, o Corpo de Cristo foi atacado por seitas e falsos mestres, e as epístolas nos dão repetidos avisos acerca de impostores espirituais. A epístola de Judas, nos versículos 3 e 4, exorta-nos a batalhar *“diligentemente, pela fé que uma vez por todas foi entregue aos santos, pois certos indivíduos se introduziram com dissimulação”*. A fé cristã já tinha seus inimigos.

O apóstolo Paulo, em Atos 20.28-31, avisou aos bispos de Éfeso que os inimigos do evangelho surgiriam tanto de fora da Igreja - *“entre vós penetrarão lobos vorazes, que não pouparão o rebanho”* - quanto até mesmo de dentro dela - *“dentre vós mesmos, se levantarão*

homens falando coisas pervertidas para arrastar os discípulos atrás deles". Na segunda epístola aos Coríntios, Paulo menciona que a Igreja não é invulnerável ao erro (11.3-4, 13-15). Igualmente Pedro, em sua segunda epístola, exorta seus leitores a se acautelarem, pois *falsos mestres*, introduzindo *heresias destruidoras*, surgiram no seu meio (2.1-22; 3.15-17).

O campo de batalha, hoje, não está mais restrito às regiões da Judéia e de Samaria, mas se estende a todo canto. Uma grande variedade de seitas nos nossos dias propaga falsos evangelhos, e muitas delas, de origem internacional, mudam suas táticas quando cruzam fronteiras, para dificultar sua identificação e facilitar sua infiltração e competição com a Igreja.

Os cristãos não podem cometer o grave erro de ignorarem tais enganadores e seus discípulos. As conseqüências são espiritualmente letais. Ao contrário, a Igreja tem de refutar e combater o erro com a verdade, ao mesmo tempo em que em compaixão resgata os cativos das garras do inimigo (II Co 4.3-4; II Tm. 2.24-26).

Para que isso seja feito, os cristãos devem entender que os antídotos contra impostores e suas fraudes são o discernimento e o conhecimento da verdade. Os cristãos precisam conhecer não só a verdade da Palavra de Deus (II Tm 3.16–17, Hb. 4.12), mas também a verdade sobre os impostores e seus grupos. Nisso, os apóstolos são nossos modelos. Por exemplo, em Atos 17.16-34 Paulo usa seu conhecimento sobre as filosofias pagãs para evangelizar seus adeptos. Paulo, Pedro e João usam, em várias passagens, seu entendimento dos ensinamentos errôneos e heréticos dos proto gnósticos e legalistas judeus para os exporem e refutarem (Gálatas, Colossenses, I e II Pedro, I João, etc.)

Tendo isto em mente, nós humildemente oferecemos este curso de apologética aos internautas. Nosso objetivo não é transformar o estudante num “perito” em seitas, mas fornecer informação suficiente para exortar, instruir e encorajar pessoas à defesa da fé e a estudos mais extensivos e contínuos.

O presente Curso contém uma sinopse das seitas mais significativas nos nossos dias. Pretendemos, no nível dois aprofundarmos esse conhecimento e ampliá-lo.

Deus tem dado à Igreja líderes diligentes e estudiosos na sua Palavra, que por séculos têm defendido a ortodoxia doutrinária contra todo tipo de heresia, muitas vezes selando suas lutas com suas próprias vidas. O conhecimento do que a Igreja tem crido com relação à Palavra de Deus, e com relação às naturezas de Deus, do homem e do evangelho, é de vital importância para a preservação da sã doutrina.

Doutrinas falsas continuam a ressurgir a cada dia, e isso provavelmente não vai mudar até a volta do Senhor Jesus. Por isso, nosso desejo é produzir edições mais aperfeiçoadas e atualizadas desse Curso nos próximos anos. Nossa oração é que esse Curso possa lhe encorajar a proclamar Cristo e a proteger seu rebanho fielmente, e que os frutos sejam para a glória de Deus.

O QUE É APOLOGÉTICA?

Por Paulo Cristiano da Silva

Geralmente muitos cristãos nunca ou quase nunca ouviram falar em apologia e uma grande parcela nunca leu nada sobre o assunto. O que é apologia? Para que serve? Onde empregá-la? Para sabermos o que é apologia precisamos primeiro saber o que não é.

O Que Não é Apologia.

- 1. Apologia não é criticar a religião de outrem.*
- 2. Apologia não é menosprezar as demais crenças.*
- 3. Apologia não é declarar guerra aos demais credos.*

Etimologia da Palavra.

O dicionário "Aurélio século XXI" define apologia como: "Discurso para justificar, defender ou louvar." A palavra grega nos escritos neotestamentário para "responder" é apologia. Essa palavra aparece em I Pedro 3.15 "antes santificai em vossos corações a Cristo como Senhor; e estai sempre preparados para responder com

mansidão e temor a todo aquele que vos pedir a razão da esperança que há em vós".

Portanto, apologia dentro do contexto evangélico-eclesiástico, é a habilidade de responder com provas adequadas e sólidas a fé cristã perante as demais religiões. Já que o cristianismo é uma religião de fatos, ou como bem expressou o apologista Josh McDowell: "*é uma religião que apela aos fatos da história*", ela se serve de tais meios para fundamentar seus argumentos.

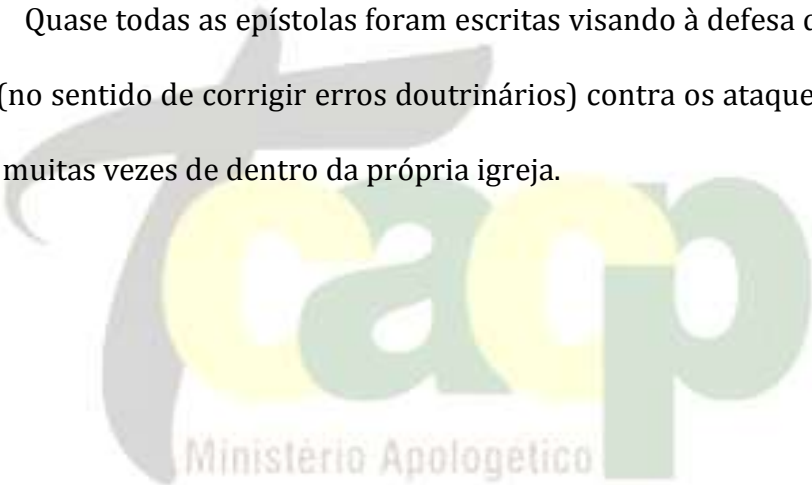
A apologia é parte inseparável da teologia, sendo que aquela se serve desta, para desenvolver um plano lógico e sistemático nas questões argumentativas concernentes á fé cristã.

O cristianismo é uma religião que por sua natureza exclui quaisquer outros credos como verdadeiros, a não ser ele mesmo. Por isso, ele entra em choque com as demais religiões existentes, que são sem exceções, produtos das idéias dos homens, que na ânsia de sua procura pelo sagrado, por Deus, aliena-se nas suas próprias imaginações, resultado da depravação total da qual está sujeita a humanidade sem Deus. Enquanto as demais religiões apresentam vários intercessores e deuses e, mormente vários caminhos que levam

a tais deidades, o cristianismo por sua vez apresentam um só mediador e um só caminho que leva a um único Deus verdadeiro.

Neste choque de crenças a apologia se torna indispensável. Ela nasce forçosamente como uma resposta ao ataque à doutrina que muitas vezes se apresenta sob diversas faces.

Quase todas as epístolas foram escritas visando à defesa da fé cristã (no sentido de corrigir erros doutrinários) contra os ataques de fora, e muitas vezes de dentro da própria igreja.





HISTÓRIA DA APOLOGIA CRISTÃ

A Patrística

Patrística é o corpo doutrinário que se constituiu com a colaboração dos primeiros pais da igreja, veiculado em toda a literatura cristã produzida entre os séculos II e VIII, exceto o Novo Testamento.

Histórico. O conteúdo do Evangelho, no qual se apoiava a fé cristã nos primórdios do cristianismo, era um saber de salvação, revelado, não sustentado por uma filosofia. Na luta contra o paganismo greco-romano e contra as heresias surgidas entre os próprios cristãos, no entanto, os pais da igreja se viram compelidos a recorrer ao instrumento de seus adversários, ou seja, o pensamento racional, nos moldes da filosofia grega clássica, e por meio dele procuraram dar consistência lógica à doutrina cristã.

Divisão

Podemos dividir os Pais da Igreja em três grandes grupos a saber: Pais apostólicos, Apologistas e Polemistas.

Todavia devemos levar em conta que muitos deles pode se enquadrar em mais de um desses grupos devido a vasta literatura que produziram para a edificação e defesa do Cristianismo, e também de acordo com o que

As circunstâncias exigiam, como é o caso de Tertuliano, considerado o pai da teologia latina. Sendo assim, então temos:

Pais apostólicos: Foram aqueles que tiveram relação mais ou menos direta com os apóstolos e escreveram para a edificação da Igreja, geralmente entre o primeiro e segundo século. Os mais importantes destes foram, Clemente de Roma, Inácio de Antioquia, Papias e Policarpo.

Apologistas: Foram aqueles que empregaram todas suas habilidades literárias em defesa do Cristianismo perante a perseguição do Estado. Geralmente este grupo se situa no segundo século e os mais proeminentes entre eles foram: Tertuliano, Justino, o mártir, Teófilo, Aristides e outros.

Polemistas: Os pais desse grupo não mediram esforços para defender a fé cristã das falsas doutrinas surgidas fora e dentro da Igreja. Geralmente estão situados no terceiro século. Os mais destacados entre eles foram: Irineu, Tertuliano, Cipriano e Orígenes.

Os personagens da Apologética:

Justino - o mártir (100-170)

Flávio Justino Mártir nasceu em Siquém na Palestina em princípios do segundo século, e morreu mártir no ano 170. Depois de ter peregrinado pelas mais diversas escolas filosóficas - peripatética, estóica, pitagórica - em busca da verdade para a solução do problema da vida, abandonando o platonismo, último estágio da sua peregrinação filosófica. O amor à verdade levou-o, pouco a pouco, a rejeitar os sistemas filosóficos pagãos e a converter-se ao Cristianismo. Em sua época foi o mais ilustre defensor das verdades cristã contra os preconceitos pagãos. Embora leigo, é considerado o primeiro dos Pais Apologista da Igreja, logo depois dos primitivos Pais Apostólicos, tendo dedicado sua vida à difusão e ao ensino do

cristianismo. Em Roma, abriu uma escola para o ensino da doutrina cristã, e ainda nesta cidade dedicou-se ao apostolado, especialmente nos meios cultos, nos quais se movimentava com desembaraço. Escreveu muitas obras, mas somente três chegaram até nós: duas Apologias - contra os pagãos - e um Diálogo com o judeu Trifão. Sofreu o martírio por decapitação, depois de ter sido açoitado.

Irineu (130-200)

Nascido em Esmirna, na Ásia Menor (Turquia), no ano 130, em uma família cristã, Irineu era grego e foi influenciado pela pregação de Policarpo, bispo de Esmirna. Anos depois, Irineu mudou-se para Gália (atual sul da França), para a cidade de Lyon, onde foi um presbítero em substituição do bispo que havia sido martirizado em 177.

Irineu também recebeu influência de Justino. Ele foi uma ponte entre a teologia grega e a latina, a qual iniciou com um de seus contemporâneos, Tertuliano. Enquanto Justino era primariamente um apologista, Irineu contribuiu na refutação contra heresias e exposição do Cristianismo Apostólico. Sua obra maior se desenvolveu no campo da literatura polêmica contra o gnosticismo.

Tertuliano de Cartago (150-230)

Nasceu por volta de 150 d.C. em Cartago (cidade ao nordeste da África), onde provavelmente passou toda sua vida, embora alguns estudiosos afirmem que ele morasse em Roma. Por profissão sabe-se que era advogado. Fazia visitas com frequência a Roma, sendo que aos 40 anos se converteu ao cristianismo, dedicando seus conhecimentos e habilidades jurídicas ao esclarecimento da fé cristã ortodoxa contra os pagãos e hereges. Tertuliano foi o pai das doutrinas ortodoxas da Trindade e pessoa de Jesus Cristo. As doutrinas de Tertuliano a respeito da trindade e da pessoa de Cristo foram forjadas no calor da controvérsia com Práxeas, que segundo Tertuliano, “sustenta que existe um só Senhor, o Todo-Poderoso criador do mundo, apenas para poder elaborar uma heresia com a doutrina da unidade. Ele afirma que o próprio Pai desceu para dentro da Virgem, que ele mesmo nasceu dela, que ele mesmo sofreu e que, realmente, era o próprio Jesus Cristo”. Foi o primeiro teólogo cristão a confrontar e rejeitar com grande vigor e clareza intelectual essa visão aparentemente singela da trindade e unidade de Deus. Ele declarou que se esse

conceito fosse verdade, então o Pai tinha morrido na cruz e isso, além de ser impróprio para o Pai, é absurdo.

Orígenes (185-254)

Nasceu de pais cristãos em 185 ou 186 da nossa era, provavelmente em Alexandria. Escritor cristão de vasta erudição, de expressão grega, inicialmente com ação em sua cidade natal. Estudou letras e aprendeu de cor textos bíblicos, com seu pai, que foi morto por ocasião da repressão do imperador Sétimo Severo às novas religiões. O bispo de Alexandria passou a Orígenes a direção da Escola Catequética, sendo então sucessor de Clemente. Estudou na escola neoplatônica de “Ammonios”. Viajou a Roma, em 212, onde ouviu ao sábio cristão Hipólito. Em 215 organizou em Alexandria uma escola superior de Exegese Bíblica. Devido ao seu vasto conhecimento viajava muito e ministrava ao público nas igrejas.

O fato de se haver castrado por devoção, lhe criou dificuldades com alguns bispos, que contrariavam o sacerdócio dos eunucos. Em 232 se transferiu para Cesaréia, na Palestina, onde se dedicou exaustivamente aos seus estudos. Sobreviveu aos tormentos

de que foi vítima sob o Imperador Décio (250-252). Posteriormente a esta data morreu em Tiro, não se sabendo exatamente quando.

Considerado o membro mais eminente da escola de Alexandria e estudioso dos filósofos gregos. Acreditava que a alma preexiste, e está subordinada à metempsicose; aqui vemos nele uma tese tipicamente pitagórica e platônica. Abandonada depois pelo cristianismo oficial, é todavia lembrada por aqueles que ainda hoje a defendem como cristã – os espíritas.

Cipriano (200 - 258)

Tharsius Caecilius Cyprianus. Converteu-se em 246 d.C. e já em 249 d.C. foi nomeado bispo de Cartago, no Norte da África. Durante dez anos ele conduziu seu rebanho através da perseguição do Imperador Décio, uma das mais cruéis. Foi também o grande sustentáculo moral e espiritual da cidade, quando esta foi atacada por uma epidemia. Além disso, escreveu e batalhou pela unidade da Igreja.

Seu nome está ligado a uma grande controvérsia a respeito do batismo e da ordenação efetuada por hereges. No entender de Cipriano, estas cerimônias eram inválidas, pelo fato dos oficiantes estarem em desacordo com a ortodoxia e, portanto, deveriam ser

rebatizados e reordenados todos que entrassem pela verdadeira Igreja. Estevão, Bispo de Roma, discordou e isto gerou um cisma, uma vez que Cipriano além de rejeitar a autoridade do bispo romano, convocou um concílio no Norte da África para resolver a questão.

Seus escritos consistem em tratados de caráter pastoral e de cartas, 82 ao todo, das quais 14 eram dirigidas para ele mesmo e as restantes tratavam de questões de sua época.

Morreu como mártir, decapitado em 14 de setembro de 258 d.C, durante a perseguição do imperador Valeriano.

Eusébio de Cesárea (265-339)

Foi Constantino que incumbiu Eusébio de fazer a narração desta primeira história do Cristianismo, coroando-a com a sua imperial adesão a Cristo. “A ortodoxia era apenas uma das várias formas de cristianismo, durante o século III, e pode só ter se tornado dominante no tempo de Eusébio” (JOHNSON, 2001: 69).

Jerônimo (325-378)

Erudito das Escrituras e Tradutor da Bíblia para o Latim. Sua tradução, conhecida como a Vulgata, ou Bíblia do Povo, foi amplamente utilizada nos séculos posteriores como compêndio para o estudo da língua latina, assim como para o estudo das Escrituras. Nascido por volta do ano 345 em Aquiléia (Veneza), extremo norte do Mar Adriático, na Itália, Jerônimo passou a maior parte da sua juventude em Roma estudando línguas e filosofia. Apesar da história não relatar pormenores de sua conversão, se sabe que se batizou quando tinha entre dezenove para vinte anos. Logo após, Jerônimo embarcou em uma peregrinação pelo Império que levou vinte anos.

Crisóstomo (aprox. 344-407)

Criado em Antioquia, seus grandes dotes de graça e eloqüência como pregador levaram-no a ser chamado a Constantinopla, onde se tornou patriarca, ou arcebispo. Como os outros Apologistas, ele harmonizou o ensinamento cristão com a erudição grega, dando novos significados cristãos a antigos termos filosóficos, como a caridade. Em seus sermões, defendia uma

moralidade que não fizesse qualquer transigência com a conveniência e a paixão, e uma caridade que conduzisse todos os cristãos a uma vida apostólica de devoção e de pobreza comunal. Essa piedosa mensagem, entretanto, tornou-o impopular na corte imperial e mesmo entre alguns membros do clero de Constantinopla, de modo que acabou sendo banido e morreu no exílio.

Agostinho (354-430)

Aurélio Agostinho nasceu na cidade de Tagaste de Numídia, província romana ao norte da África, hoje atual região da Argélia, no ano de 354. Iniciou seus estudos em sua cidade natal, seguindo depois para Cartago. Ensinou retórica e gramática, tanto no Norte de África como na Itália. Ficou conhecido como o Filósofo e Teólogo de Hipona. Polemista capaz, pregador de talento, administrador episcopal competente, teólogo notável, ele criou uma filosofia cristã da história que continua válida até hoje em sua essência.

Inspirado no tratado filosófico, Hortensius, de Cícero, converteu-se em ardoroso pesquisador da verdade, aderindo ao maniqueísmo. Com vinte anos, perdeu o pai e ficou sendo o

responsável pelo sustento da família. Mudou-se para Roma. Sua mãe foi contra a mudança e Agostinho teve de enganá-la na hora da viagem. De Roma foi para Milão, onde foi novamente professor de retórica. Foi influenciado pelos estóicos, por Platão e o neoplatonismo, também estava entre os adeptos do ceticismo. Em Milão, conheceu Ambrósio que o converteu ao cristianismo. Agostinho voltou ao norte da África, onde foi ordenado sacerdote e, mais tarde, consagrado bispo de Hipona. Combateu a heresia maniqueísta que antes defendia e participou de dois grandes conflitos religiosos: o Donatismo e o Pelagianismo. Sua obra mais conhecida é a autobiografia Confissões, escrito, possivelmente, em 400. Em A Cidade de Deus (413-426) formulou uma filosofia teológica da história.



AS DISCORDÂNCIAS RELIGIOSAS

A resposta a essa pergunta não é tão óbvia quanto possa parecer. Em alguns determinados sentidos, não temos o direito de julgar outros; em outros sentidos, temos de exercer discernimento com relação a outros. Saber como distinguir entre esses sentidos é extremamente importante para o discernimento espiritual.

Quando é que não devemos julgar?

Julgamentos Hipócritas

Ninguém gosta quando pessoas criticam duramente ou condenam outras, quando elas mesmas são culpadas dos mesmos atos. O que faz esse tipo de julgamento inaceitável não é simplesmente o fato de que a pessoa fazendo a acusação também é culpada. O que é ofensivo é o fato de que a pessoa fazendo a acusação se diz (ou finge ser) inocente. O hipócrita finge ser justo quando na verdade não o é. Por outro lado, quando uma pessoa diz: *“Você e eu somos culpados disto e temos de mudar”*, isto não é hipocrisia.

Não é por serem falsos que julgamentos hipócritas são inaceitáveis – eles podem até serem verdadeiros. Eles são inaceitáveis justamente porque são *hipócritas*. Os hipócritas que julgam outros serão eles mesmos julgados, e, portanto têm de lidar com seus próprios pecados primeiro (Mt 7.1-5).

O fato de serem hipócritas, entretanto, não prova por si só que tais acusações sejam falsas. Jesus até disse que os fariseus hipócritas normalmente estavam certos no que diziam; o problema é que eles não seguiam seus próprios conselhos (Mt 23.1-3). Há nisso uma importante lição para nós. Se formos alvos de críticas vindas de pessoas que consideramos hipócritas, não devemos, por causa de sua hipocrisia, simplesmente desconsiderar tais críticas. Ao contrário, devemos examinar se a crítica tem fundamento. Deus às vezes usa pessoas com más intenções para comunicar algo verdadeiro a outros (Fp 1.15-18).

Muitas vezes as pessoas não dão ouvidos a nenhuma crítica, com base na idéia de que ninguém é perfeito. De fato ninguém o é, mas isso não nos impede de às vezes estarmos corretos naquilo que afirmamos. As advertências bíblicas contra a hipocrisia não têm por

objetivo nos paralisar no que diz respeito a expressar discordância com outros, mas sim nos alertar para a importância de lidarmos com nossos próprios pecados.

O curioso é que aqueles que rejeitam *todo* e *qualquer* julgamento por parte de outros estão, eles mesmos, julgando as outras pessoas. Isto é, se eu digo a uma pessoa: “*você está errado em julgar outros*”, eu estou julgando essa pessoa! Para evitar esse tipo de dilema, eu poderia abrandar meu argumento para algo como: “*Eu pessoalmente não julgaria outros*”. Nesse caso, porém, eu não teria uma base sólida para opor-me a outros que estão julgando. A verdade é que, de uma maneira ou de outra, todos nós consideramos erradas algumas coisas que outros fazem ou acreditam, e frequentemente expressamos tais críticas verbalmente.

Julgamentos Injustos

Jesus disse: “*Não julgueis pela aparência, e, sim, pela reta justiça*” (Jo 7.24). É evidente que Jesus não proibiu *todo* tipo de julgamento. O problema não é se julgamos ou não, mas *como* julgamos.

Que tipo de julgamento, então, Jesus proibiu? Ele proibiu o julgamento “*pela aparência*”. Ele não quis dizer que devemos ignorar evidências externas e julgar de acordo com alguma intuição mística. Nem tampouco quis dizer que devemos julgar buscando discernir o que realmente há no coração dos outros. O contraste não é entre fatos externos e intuições internas, mas entre aparência e realidade. Em resumo, Jesus nos proíbe julgamentos *superficiais*, que não penetram além da aparência quando buscam discernir a realidade. Tais julgamentos, obviamente, tendem a ser injustos.

Enquanto os julgamentos hipócritas podem ser ou não verdadeiros, os julgamentos *injustos* são *necessariamente falsos*. Eles são baseados numa má interpretação das aparências, e não podem julgar os fatos como eles realmente o são.

Como podemos evitar a má interpretação das aparências? É comum que haja situações nas quais somos mal-interpretados, e muitas vezes podemos *corrigir* tal julgamento. Isso acontece freqüentemente e demonstra que é possível que se façam julgamentos justos.

Julgamentos Presunçosos

Há assuntos que nós, seres humanos, simplesmente não somos competentes para julgar. Não podemos, por exemplo, julgar se um determinado indivíduo vai ou não ser salvo. Esse tipo de julgamento é de competência exclusiva de Jesus Cristo, o Filho de Deus (Jo 5.22-23; At 17.31). Querer julgar nessa área é pura presunção. O poder da salvação e da destruição não é nosso; portanto, não temos o direito de nos fazer juízes do destino eterno dos outros (Tg 4.11-12; 5.9).

Outro tipo de julgamento presunçoso é fazer de assuntos não essenciais o critério pelo qual decidimos com quem mantemos comunhão. Paulo especificamente nos adverte quanto a isso em referência a observâncias religiosas e restrições dietéticas (Rm 14.1-23). Seria presunçoso da minha parte achar que todos os cristãos têm de concordar comigo em tudo.

Por outro lado, é claro que nem todo julgamento é presunçoso. O reconhecimento de que sempre há uma possibilidade real de que haja presunção não deve se tornar desculpa para que rejeitemos todo julgamento.

Quando é certo Julgar?

O que foi dito até agora nos dá uma idéia sobre que tipos de julgamentos são apropriados. Julgamentos que evitam hipocrisia, superficialidade e presunção são julgamentos válidos.

Julgando entre a verdade e o erro, o bem e o mal

O Novo Testamento coloca clara ênfase no julgamento entre a verdade e o erro, e entre o bem e o mal. Isso deve ser feito, não somente ao nível individual, mas também pela igreja (Rm 12.2, 9; I Co 12.10; 14.29; I Ts 5.19-22). Essas passagens enfatizam a necessidade de se discernir as revelações verdadeiras das falsas. Aqueles que se dizem profetas, que alegam falar sob a inspiração do Espírito Santo, devem ter seus ensinamentos testados pelos apóstolos e profetas das Escrituras, ou seja, pela Bíblia (At 17.11; II Pe 2.1; 3.2; I Jo 4.1-2; I Tm 1.7).

Julgando Pecadores Impenitentes na Igreja

Tanto Jesus como Paulo ensinaram que aqueles que cometem pecados sérios, que violam a integridade da igreja, e que se recusam a

se arrepender, devem ser excluídos da comunhão cristã (Mt 18.15-18; I Co 5.9-13). A excomunhão não diz respeito ao julgamento de seu destino eterno. É uma ação disciplinar para com os impenitentes, e de manutenção da integridade da igreja. Em outras palavras, é saudável tanto para o pecador quanto para a igreja.

Note bem que isso é responsabilidade da igreja como um todo, e não de indivíduos isolados. Note também que Jesus ensina que tal julgamento deve ser feito através de um processo apropriado, e não de maneira arbitrária. Tal processo previne contra julgamentos superficiais.

Julgando os Falsos Mestres

Temos a obrigação não só de rejeitar revelações proféticas falsas e doutrinas falsas, mas também de rejeitar aqueles que as proclamam. A Bíblia é explícita nesse ponto (Rm 16.17; Gl 1.6-9; II Tm 3.16; 4.4; Tt 3.10-11). Falsos mestres têm de ser identificados, por nome se necessário (II Tm 2.7), e a igreja alertada para que não apóie seus ensinamentos.

Nossa falibilidade em tais julgamentos deve ser admitida, mas não nos escusa de nossa responsabilidade. Se eu tivesse, por exemplo, a errônea impressão de que uma pessoa estava a ponto de beber veneno, eu a alertaria. Eu não permitiria que a possibilidade de eu estar enganado me impedisse de avisá-la. Se a pessoa questionasse meu aviso, eu não desistiria; ao contrário, insistiria que ela examinasse o líquido para certificar-se. Tampouco o fato de eu não ser um químico me impediria de avisá-la. Até mesmo pessoas comuns podem entender a diferença entre água e veneno, se aprenderem os fatos básicos sobre cada um.

De maneira semelhante, é apropriado que alertemos a outros se a religião que estão “consumindo” é nociva à sua saúde espiritual. Antes que possamos fazer isso, é claro, temos que aprender a diferença entre o verdadeiro cristianismo e versões falsas da fé cristã.

Assim sendo, é mais do que necessário que alguns cristãos se concentrem no ministério de discernimento, fazendo esse tipo de julgamento e repassando suas conclusões à igreja. Do mesmo modo como precisamos de serviços de defesa do consumidor que nos alertem sobre produtos defeituosos no mercado, precisamos também

de pessoas que possam nos alertar sobre as afirmações falsas feitas por várias doutrinas em circulação. Se esses especialistas cumprirem bem o seu papel, eles nos ensinarão a rejeitar o que é nocivo e aproveitar ao máximo o que é saudável. No que diz respeito à doutrina, ainda que alguns de nós possamos ter dons mais aguçados do que outros, somos todos responsáveis pelo exercício do discernimento. (01)





APOLOGÉTICA E CORAÇÕES SINCEROS

Por Dallas Willard

“Antes, santificai a Cristo, como Senhor, em vossos corações, estando sempre preparados (...) com mansidão e temor”

(I Pedro 3.15-16)

Quando ministramos na área de apologética, nós o fazemos como discípulos de Jesus, e, portanto, da maneira como Ele o faria. Isso significa, primeiramente, que nós o fazemos para *ajudar* pessoas, especialmente àqueles que querem ser ajudados. Apologética é um ministério de *ajuda*.

No contexto de I Pedro 3.8-17 os discípulos estavam sendo perseguidos por sua dedicação em promover a bondade. De acordo com o que Jesus os tinha ensinado, tal perseguição deveria ser fonte de regozijo. Essa atitude fazia com que os observavam a questionassem *como* os discípulos podiam estar esperançosos e alegres em tais circunstâncias. Num mundo irado, desesperançado e triste, essa questão era inevitável.

A exortação de Pedro

Por isso, Pedro exortou os discípulos a estarem “sempre preparados para responder a todo aquele que vos pedir razão da esperança que há em vós, fazendo-o, todavia, com mansidão e temor, com boa consciência” (vv. 15-16), ou seja, consciência que se tem por se ter feito o que é correto.

Nossa apologética, assim, é feita como um ato de amor fraternal, sendo “*prudentes como as serpentes e simplices como as pombas*” (Mateus 10.16). A sabedoria da serpente está em *ser oportuna, baseada em observação vigilante*. A pomba, por sua vez, é *incapaz de falsidade ou de enganar alguém*. Assim devemos ser.

Amor àqueles com os quais lidamos será necessário para que os compreendamos corretamente e para que evitemos manipulá-los, ao mesmo tempo que desejamos e oramos intensamente para que reconheçam que Jesus Cristo é o Senhor do cosmos.

O amor também nos purificará de todo mero desejo de vitória, como também de toda presunção intelectual ou desdém para com as opiniões e habilidades dos outros. O evangelista para Cristo é caracterizado pela humildade (Colossenses 3.12; Atos 20.19; I Pedro

5.5), principalmente *intelectual* – um conceito vital do Novo Testamento que a palavra *humildade* por si só não expressa totalmente.

Deste modo, a chamada ao ministério de apologética não é para forçar pessoas relutantes à submissão intelectual, mas uma chamada na qual servimos aos necessitados, e, freqüentemente, àqueles que são escravos de seu próprio orgulho e presunção intelectual, muitas vezes reforçada pelo ambiente social.

Em segundo lugar, nós fazemos o trabalho de apologética como servos incansáveis da *verdade*. Jesus disse que Ele veio “ao mundo a fim de dar testemunho da verdade” (João 18.37), e Ele é chamado “a testemunha fiel e verdadeira” (Apocalipse 3.14).

É por isso que temos “temor” quando ministramos. A verdade revela a realidade, e a realidade pode ser descrita como aquilo com o qual nós humanos nos deparamos quando estamos errados. Quando ocorre tal colisão, sempre perdemos.

Enganos com relação à vida, às coisas de Deus e à alma humana são assunto seriíssimos, mortais. É por isso que o trabalho de apologética é tão importante. Falamos “a verdade em amor” (Efésios

4.15). Falamos com toda a clareza e racionalidade que podemos demonstrar, ao mesmo tempo contando com o Espírito da verdade (João 16.13) para realizar aquilo que está muito além de nossas habilidades limitadas.

O ponto comum de referência

A verdade é o ponto de referência que compartilhamos com todos os seres humanos. Ninguém pode viver sem a verdade. Ainda que possamos discordar em pontos específicos, a fidelidade à verdade – seja ela qual for – permite que nós nos relacionemos com qualquer pessoa como honestos companheiros de investigação. Nossa atitude, portanto, não é de divisão, mas de agregação. Estamos aqui para aprender, e não somente ensinar.

Assim, sempre que for possível – ainda que por vezes, devido aos outros, não seja – nós “respondemos” numa atmosfera de investigação mútua, motivada pelo amor generoso. Ainda que possamos ser firmes em nossas convicções, não nos tornamos arrogantes, desdenhosos, hostis ou defensivos.

Por sabermos que o próprio Jesus não agiria assim, temos que reconhecer que não podemos ajudar pessoas de uma maneira arrogante. Ele não tinha necessidade disso, e nós também não. Em apologética, como em tudo, ele é nosso modelo e Mestre. Nossa confiança reside totalmente nele. Esse é o lugar especial que damos a Ele em nossos corações – a maneira com a qual “santificamos a Cristo como Senhor em nossos corações” – no ministério crucial de apologética. (02)





COMO IDENTIFICAR UMA SEITA?



Não poderíamos identificar um movimento heterodoxo se não conhecêssemos seus estigmas. É de suma importância o princípio pelo qual nós confrontamo-las com a palavra de Deus. Somente assim, nós podemos identificá-las por suas marcas. Uma seita se revela como tal por apresentar certas características em relação às verdades bíblicas. Eis alguns sintomas que caracterizam o quadro doentio das seitas.

Autoridade extrabíblica.

Geralmente as seitas apresentam uma nova autoridade doutrinal superior ou paralela à Bíblia sagrada para sua fé e prática. Esta autoridade pode apresentar-se em forma de livros ou revelações ou até mesmo na pessoa do líder da seita. Alguns poucos exemplos clássicos são: As Testemunhas de Jeová, os Mórmons, os Adventistas do Sétimo Dia, a Igreja da Unificação, Igreja Católica Romana entre outros.

Verdades que vão além da Palavra de Deus.

Há necessidade entre esses grupos de irem além do que está escrito nas sagradas escrituras, buscando novas revelações. Essas "novas verdades" no entanto, acabam-se por se chocar frontalmente com a palavra escrita de Deus e às vezes com suas próprias revelações. Casos típicos são os do profeta do mormonismo Joseph Smith, Sun Myung Moon, Charles T. Russel e outros. Para eles o evangelho precisa ser completado com suas revelações místicas que somente eles possuem e mais ninguém.

Interpretações Particulares da Bíblia.

Há muitos grupos que não reivindicam novas verdades, mas interpretam as verdades bíblicas ao seu bel prazer. Para esses, a Bíblia lhes pertencem e ninguém pode entendê-la fora do padrão estabelecido pela seita. Muitos dessa categoria apóiam-se em algumas passagens da Bíblia apenas por conveniência, pois é mais fácil enganar um indivíduo que já está familiarizado ainda que

nominalmente com este livro. É o caso do Espiritismo e da igreja Católica Romana.

Rejeição ao Cristianismo Ortodoxo

Esses grupos nutrem verdadeiro ódio contra as igrejas estabelecidas que pregam o conceito histórico-ortodoxo de crença. O argumento quase unânime entre elas é que as igrejas se afastaram das verdades essenciais e se enveredaram para práticas pagãs. Essas seitas atacam como ensinamento pagão às doutrinas da Trindade, a imortalidade da alma e o inferno.

Pregam outro Jesus.

O Jesus das seitas nunca é o mesmo Jesus da Bíblia. Para as seitas Jesus foi diversas coisas, mas nunca jamais o Deus encarnado que veio redimir o homem. Assim para as Testemunhas de Jeová Jesus é apenas uma criatura, um deus menor, para os mórmons Jesus é apenas um dos trilhões de deuses, foi casado e polígamo, já para os espíritas Jesus foi apenas o maior espírito de luz que já baixou nessa terra.

Lavagem Cerebral.

As seitas retiram o censo crítico de seus adeptos não permitindo que eles pensem por si mesmos deixando que o líder ou o grupo pensem por eles. As técnicas são variadas, mas sempre persuasivas indo das cessões de isolamento da família até jejuns forçados sem tempo de descanso, sendo que neste íterim é o membro do grupo bombardeado com literaturas da seita, estudos e mais estudos até a exaustão psicológica. É o caso do reverendo Moon, Hare Khrisna, Testemunhas de Jeová e outros.

Salvação pelas Obras

O estado legalista das seitas impede-as de aceitarem a livre graça de Deus. Como o âmago da seita é a heresia e toda heresia é obra da carne, sendo produto do homem sem o verdadeiro Deus, as seitas desenvolveram sua própria maneira de salvação. Oferecem uma falsa esperança aos seus adeptos que nunca sabem o quanto fizeram para merecerem a benevolência de um deus, cujo conceito forjado pela seita, foge radicalmente do apresentado na Bíblia. Para o adepto só existem leis a serem cumpridas seja elas de procedência bíblica ou

mesmo criadas pela organização da qual pertencem. Podemos enquadrar aqui os Adventistas, Mórmons, Testemunhas-de-Jeová, Espíritas, Catolicismo etc.

Exclusivismo.

Apesar de a Bíblia ensinar que a salvação e a verdade só se encontram em Jesus, as seitas invertem essa verdade e apregoam que somente sua organização é a única correta. As demais igrejas, na ótica das seitas, apostataram da fé. É o monopólio da fé e da verdade. Para a pessoa ser salvo é preciso pertencer ao grupo.

Semântica Enganosa.

As seitas a fim de enganarem as pessoas, usam uma terminologia cristã, mas que na prática se revela totalmente falsa. Dizem acreditar nos mesmos pontos de fé dos cristãos ortodoxos apenas para uma aproximação pacífica visando sempre o proselitismo desleal. No entanto um exame mais atento, porém, revela que esta igualdade é apenas aparente e nominal. As Testemunhas de Jeová dizem acreditar no Espírito Santo, mas para elas esse Espírito não é o

mesmo do credo cristão, sendo apenas (na concepção delas) uma mera força ativa. Os mórmons Dizem crer na trindade, mas a Trindade que eles pregam são três deuses que possuem um corpo de carne e osso.

Falsas Profecias.

Nas seitas existem-nas em abundância. Para conseguirem impressionar seus membros, os líderes de seitas dizem receber supostas revelações de Deus sobre certos acontecimentos históricos - mundiais, escatológicos ou envolvendo o próprio grupo, que com o passar dos anos, se revelam fraudulentos provando ser o tal profeta um falso profeta. É o caso de líderes dos Adventistas, Testemunhas de Jeová e Mórmons.

Mudanças de Crenças.

As seitas possuem uma teologia volúvel. O que era verdade ontem já não é hoje. Com o passar dos anos as inconsistências das aberrações doutrinarias apregoadas por elas se tornam um tanto obsoletas entrando muitas vezes em contradição com os

ensinamentos atuais de seus líderes, ai então, faz-se necessário o camaleão mudar de cor. Algumas até colocaram em seu bojo doutrinário o ensinamento de que é normalmente aceitável que sua teologia esteja em constante mutação, é o caso dos mórmons e das Testemunhas de Jeová. Os jargões geralmente empregados para justificarem isto são: "lampejos de luz" (TJ), "verdade presente" (ASD), "nova luz" (SUD). As características principais de uma seita foram expostas e resumidas acima, mas há ainda a questão financeira, o carisma do líder, ensinamentos sobre a Trindade dentre outras que por questão de espaço não colocamos aqui. Entretanto, estas servem para identificarmos eficazmente uma seita.



OS INIMIGOS DA APOLOGÉTICA

Por Douglas Groothuis (Tradução Elvis Brassaroto Aleixo)

O mundo evangélico sofre hoje daquilo que poderíamos denominar de “anemia apologética”. Apesar do fato de as Sagradas Escrituras nos convocar para darmos uma razão da esperança que possuímos em Cristo (1Pe 3.15; Jd 3), os evangélicos não possuem uma presença intelectual forte na cultura popular e/ou acadêmica, observando as raríssimas exceções que ocorrem em algumas áreas, como é o caso da filosofia. As razões para esta “anemia apologética” é multidimensional e complexa.

Este pequeno artigo tem seu conteúdo inspirado num recente debate que envolve as raízes históricas do antiintelectualismo evangélico e aponta diretrizes e argumentos úteis para conduzir a igreja intelectualmente.

Meu propósito aqui é demonstrar brevemente os seis fatores que ilegitimamente inibem o compromisso apologético em nossos dias. Se estas barreiras forem afastadas, nosso testemunho

apologético poderá crescer, resultando no reconhecimento do verdadeiro evangelho.

Os seis inimigos do compromisso apologético:

1. Indiferença

Muitos cristãos não parecem preocupar-se com o fato de o cristianismo ser ridicularizado, taxado como antiquado, irracional e tacanho, em nossa cultura. São pessoas que até se indignam com algumas destas ofensas, mas fazem pouco ou nada para contrariar tais argumentos, não se importam em oferecer uma defesa da cosmovisão cristã. A indiferença vem corroendo a defesa do evangelho. E o que é pior, esta apatia é contagiosa. Nossa atitude deve ser como a do apóstolo Paulo. Ao constatar o emaranhado ambiente idólatra de Atenas, a Bíblia relata que “o seu espírito se comovia em si mesmo” pela pobreza espiritual daquelas pessoas (At 17.16). Este zelo pela verdade de Deus o conduziu a um encontro apologético muito frutífero com os filósofos gregos no Areópago ateniense (Cf. At 17). Da mesma maneira que Deus “amou o mundo” a ponto de entregar seu

Filho unigênito para conceder salvação a todos quantos o receberem (Jo 3.16), os fiéis discípulos de Jesus devem demonstrar o fruto deste amor, apregoando ao mundo o genuíno evangelho e respondendo às objeções à fé cristã (Jo 17.18).

2. Irracionalismo

Para alguns cristãos, fé significa crer na ausência das evidências e dos argumentos. Pior ainda. Para outros, fé significa é crer naquilo que é totalmente contrariado por todas as evidências. O mais curioso de tudo isto é que, geralmente, quanto mais essas pessoas demonstram esta capacidade de crer tanto mais elas são elevadas espiritualmente. Temos de ponderar que, embora Paulo realmente ensine que Deus fez tola “a sabedoria deste mundo” (1Co 1.20), a revelação divina não é irracional; nem deve ser assegurada na irracionalidade. Deus não nos exige que aniquilemos nossas faculdades críticas para acreditar em suas obras. Pelo profeta Isaías, Deus declaradamente convida a Israel: “Vinde então, e argüi-me, diz o SENHOR”, ou, em outras palavras, “venham e argumentemos juntos”

(Is 1.18). Jesus nos ordenou a amar a Deus com toda a nossa mente, pensamento (Mt 22.37).

Quando os cristãos optam pelo irracionalismo acabam abrindo margem para muitas acusações que, de outra forma, seriam infundadas, mas que, infelizmente, acabam encontrando guarida no comportamento prejudicial de alguns.

3. Ignorância

Muitos cristãos não estão atentos aos diversos recursos intelectuais disponíveis para serem empregados na defesa da sua doutrina. Isto ocorre, em grande parte, porque algumas igrejas e organizações evangélicas ignoram potencialmente a apologética. Alguns denominados cursos de teologia não se preocupam em inserir em sua grade curricular matérias que ofereçam conteúdos para ajudar os estudantes a lidar com a incredulidade que emana em todas as áreas da sociedade. Em algumas igrejas da América do Norte, por exemplo, pouco se ouve falar de sermões e estudos endereçados a evidenciar a existência de Deus, a ressurreição de Jesus, a justiça do inferno, a supremacia de Cristo e outros problemas lógicos que

envolvem cosmovisões não-cristãs, e esta nostalgia caminha a passos largos para os púlpitos latino-americanos. *Best sellers* cristãos, com raras exceções, estão desvirtuados por especulações apocalípticas infundadas, exaltação de celebridades cristãs de forma excessiva e os crentes simplesmente são incapazes de identificar os malefícios desta tendência.

4. Covardia

Em nossa cultura pluralista, a indiferença pelas verdades eternas se reveste de norma social e a pressão da sociedade assombra os evangélicos, minimizando a força de suas convicções. Muitos evangélicos se preocupam mais em ser “agradáveis” e “tolerantes” do que em ser bíblicos e fiéis ao evangelho contido em suas Bíblias. São pouquíssimos os cristãos dispostos e capazes de defender sua fé em situações desafiadoras, seja na escola, no trabalho ou em outros ambientes públicos. O impulso tem sido individualizar a fé, separar e isolar completamente nossas crenças da vida social, da vida pública. Sim, nós somos cristãos (em nossos corações), mas temos dificuldade em compartilhar com os demais aquilo que acreditamos, e a situação

se agrava quando se trata de explicar o motivo de nossa crença. Embora seja uma mensagem dura, temos de ser sinceros e admitir que isto nada mais é do que o reflexo da nossa covardia e uma traição à nossa fé.

Considere o pedido e a advertência de Paulo em sua oração dirigida a nosso favor: “Perseverai em oração, velando nela com ação de graças; orando também juntamente por nós, para que Deus nos abra a porta da palavra, a fim de falarmos do mistério de Cristo, pelo qual estou também preso; para que o manifeste, como me convém falar. Andai com sabedoria para com os que estão de fora, remindo o tempo. A vossa palavra seja sempre agradável, temperada com sal, para que saibais como vos convém responder a cada um” (Cl 4.2-6).

Ao agir assim, podemos, de fato, experimentar a rejeição; afinal, Jesus chamou os que são perseguidos por causa do seu nome de “bem-aventurados”. “Bem-aventurados sois vós, quando vos injuriarem e perseguirem e, mentindo, disserem todo o mal contra vós por minha causa. Exultai e alegrai-vos, porque é grande o vosso galardão nos céus; porque assim perseguiram os profetas que foram antes de vós” (Mt 5.11,12). O apóstolo Pedro também ecoa as palavras

do Mestre, dizendo: “Se pelo nome de Cristo sois vituperados, bem-aventurados sois, porque sobre vós repousa o Espírito da glória e de Deus” (1Pe 4.14).

Por outro lado, quando o Espírito Santo abençoar nossos esforços, as pessoas responderão com interesse, aceitando a nossa fé (Rm 1.16). Jamais podemos esquecer que Jesus possui toda a autoridade no céu e na terra, e que ele nos comissionou para declararmos e defendermos seu santo evangelho (Mt 28.18-20).

5. Arrogância e vaidade intelectual

Ainda existem os fantasmas dos erros, das mentiras e da arrogância do apologista “sabe-tudo” que está mais interessado em exibir o seu arsenal de argumentos do que defender a verdade de uma forma sincera e com fins espirituais. O pecado que mais tem atacado os apologistas é o orgulho intelectual, e deve ser evitado a todo custo. A verdade que defendemos é um galardão da graça divina e não deve ser instrumento da nossa realização intelectual. Desenvolvemos nossas habilidades apologéticas para nos santificarmos na verdade, ganharmos almas para Cristo e glorificarmos a Deus. Temos de falar a

verdade em amor (Ef 4.15). Verdade sem amor é arrogância; amor sem verdade é sentimentalismo.

A arrogância intelectual também é manifestada quando alguns apologistas acusam outros cristãos de heresias sem evidências suficientes. Paulo disse para os líderes da igreja se precaverem contra as heresias no seio da igreja (At 20.28-31), porém, devemos ser vigilantes para não caluniarmos os cristãos da mesma fé, assumindo assim um comportamento pior do que os sectários. Não devemos desperdiçar nossas energias apologéticas atacando outros crentes enquanto os reais hereges e incrédulos arquitetam outros desvios doutrinários.

6. Técnicas apologéticas superficiais

Aqueles que são entusiasmados por apologética podem ficar satisfeitos com respostas superficiais para perguntas intelectualmente difíceis. Nossa cultura se contenta com respostas rápidas e vazias e a técnica para o desenvolvimento destas respostas impera. Alguns cristãos memorizam respostas apologéticas para responder às controvérsias filosóficas, como, por exemplo, “a origem do mal”, “o

evolucionismo” e outros tantos temas, dispensando o compromisso profundo com o assunto e sem a preocupação de satisfazer a alma que gerou a pergunta. Muitos assuntos não são tão simplistas quanto seus títulos expressos nos livros fazem soar. Na realidade, uma abordagem superficial para uma questão profundamente filosófica pode pôr a perder uma grande oportunidade de ganhar uma alma. A apologética deve ser norteadada pela integridade intelectual.

O lema apologético do teólogo Francis Schaeffer era que os cristãos têm a responsabilidade de oferecer “respostas honestas a perguntas honestas”.

Primeiro, nós realmente temos de saber ouvir as pessoas que nos questionam. Temos de “entrar na mente” (em certo sentido) daqueles que julgam possuir “razões” para não seguirem a Cristo. Cada pessoa é diferente, e por isso não devemos reduzi-las ou confiná-las aos nossos “clichês teológicos”.

Segundo, procure responder o que lhe foi inquirido e não se atenha a responder perguntas que não foram feitas. Uma aproximação superficial não impressionará o pensador incrédulo. Se você não puder oferecer na ocasião uma resposta sã para a objeção, não tente

esconder sua ignorância ou inabilidade. É melhor admitir suas limitações honestamente do que dar uma resposta inferior, ineficaz. Fale para o inquiridor que o tema que você não está apto a defender é um ponto saliente e você precisa pensar mais sobre o assunto. Cristianismo é absolutamente verdade, mas isto não insinua que qualquer cristão possa controlar qualquer objeção elevada contra sua fé. Devemos selecionar nossas técnicas apologéticas e desenvolver recursos espirituais e intelectuais cultivando um diálogo real e sincero com os incrédulos.

A igreja evangélica é como um gigante dormente, conclusão depreendida do grande potencial que a igreja possui, mas que precisa ser despertado na defesa contra o ceticismo e demais objeções à fé cristã. Com este legado em mente podemos reacender esta visão, despertar este gigante e encontrar a paixão e a sabedoria para levar nossa tarefa a efeito pelo poder do Espírito Santo (At 1.8).

BIBLIOGRAFIA

01 - “Manual Prático de Discernimento e da Defesa da Fé”, Pr. Joaquim de Andrade;

02 – *Dallas Willard, Ph.D., é professor de filosofia na Universidade da Califórnia do Sul (University of Southern California)*

